


O tempo da política em Vico: a problemática da concepção de história ideal eterna¹

José Valdir Teixeira Braga Filho²



Este artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

 <https://doi.org/10.32459/2447-8717e251>

Recebido: 14-08-2023 | **Aprovado:** 24-11-2023 | **Publicado:** 29-12-2023

Resumo: Este trabalho discute a concepção de história ideal eterna na *Scienza Nuova*, (1744), de Giambattista Vico (1688 – 1744), com o propósito de explicitar a orientação ética e política da proposta viquiana. Segundo Vico, a história humana segue um percurso de três idades: idade dos deuses, dos heróis e dos homens na qual transcorreu a história do mundo das nações. O que legitima tal distinção, no entender do autor é a forma de organização da vida coletiva, algo que determina, em certo sentido, a natureza humana. Por essa razão, é necessário problematizar a relação entre política e história no interior do seu pensamento. No presente trabalho, adota-se como hipótese interpretativa a ideia de que neste conceito há uma crítica à política como dominação. Para tal empreendimento, consideramos as reflexões de estudiosos da obra de Vico como Burke, Hobbs, Riccio, Fiker e Croce. O texto conclui enfatizando uma defesa do Vico “político” contra o “apolítico”.

Palavras-chave: História. Política. Linguagem. Ciência Nova.

Abstract: This work aims to discuss the conception of ideal eternal history in Giambattista Vico's (1688 – 1744) *Scienza Nuova* (1744) with the purpose to show the ethical and political orientation of the vichian thought. According to him, the human history seeks the three ages: age of gods, age of heroes and of men in which runs the history of the world of nations. For Vico, this distinction is legitimate because every age also is a type of organization of communal life, and this determines the human nature. Therefore, it is necessary to problematize the relation between politics and history in his writings. In this work, we adopt the interpretative hypothesis that this concept contains a critical view of political domination. For this reason, considering the reflections of researchers of Vico's work such as Burke, Hobbs, Riccio, Fiker and Croce was essential. The text concludes emphasizing a defense of the “political” against the “apolitical” Vico.

Keywords: History. Politics. Language. New Science.

¹ Agradecemos aos professores Marcelo Lopes Rosa, Gabriel Silveira de Andrade Antunes e Felipe Bezerra de Castro Oliveira que gentilmente leram as versões preliminares do texto e fizeram indicações importantes.

² Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Dedicou-se atualmente ao estudo do pensamento de Giambattista Vico. Doutorando pela Universidade de São Paulo (USP).

Introdução

[...] a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agoras”. (BENJAMIN, 1994, p. 229).

Este escrito versa sobre a concepção de história ideal eterna de Giambattista Vico, privilegiando a dimensão prática do seu pensamento, principalmente na terceira edição da *Ciência Nova* (1744). Com base nesta obra, buscou-se apresentar como alguns de seus desdobramentos se relacionam, com a finalidade de explicitar a dimensão política deste conceito. Tal procedimento será realizado em três etapas. Inicialmente, é preciso situar Vico na história da filosofia para entender qual o lugar da sua concepção de história ideal eterna na tradição. Em seguida, ao aprofundar nos meandros de sua teoria, é preciso apresentar a sua concepção de nova arte crítica. A última etapa consiste numa breve discussão sobre a sua tese de que *para cada uma das três idades há uma forma específica de governo*. A finalidade deste percurso é demonstrar a possibilidade de identificar – no interior do pensamento viquiano – uma crítica à política que se funda na desigualdade.

O debate sobre o papel da política no pensamento de Vico é importante para refletir de que maneira ele se apropriou da tradição filosófica. Vico foi profundamente influenciado pelo pensamento clássico e o pensamento renascentista ao mesmo tempo em que esteve especialmente interessado nos problemas filosóficos de seu tempo. É na sua autobiografia que é possível visualizar os elementos que expressam o caráter distintivo do seu pensamento. Na sua *Vida escrita por si mesmo* (1728 –1731), ele narrou em terceira pessoa o curso de sua formação e também, apresentou uma apreciação sobre o estatuto cultural de sua cidade natal durante os séculos XVII-XVIII. Ele vivenciou uma ampla adesão ao pensamento de Descartes, fortemente celebrado por disciplinas como física, medicina e matemática. O que foi uma mudança significativa da vida intelectual: em favorecimento dos novos saberes, desapareceu o interesse em relação ao que foi cultivado pelo *humanismo renascentista*. Ciente desta cisão, ele buscou reintegrar a retórica, a história e o direito à filosofia (VICO, 2017, p.89-93).

Esta união de saberes está presente na concepção viquiana de *história ideal eterna*, que pode ser definida como a *constante* ocorrência e recorrência de três formas de humanidade no decorrer da história – a *idade dos deuses*, a *idade dos heróis* e a *idade dos homens*. Embora tal concepção seja um indício de sua modernidade, ele toma como referência Varrão (116 a.C – 43 a.C), escritor da antiguidade latina que a posteridade conheceu por intermédio de Cícero (106 a.C – 43 a.C). A importância que ele atribuiu aos clássicos é sem dúvida algo relevante para a construção do seu pensamento, Vico buscou uma definição cuja fundamentação atendesse as novas exigências

epistemológicas do período em que viveu.³ Apesar disso, Vico apresenta um estilo de escrita e de pensar que é estranho ao de seu tempo. O seu caráter distinto se revela prontamente quando comparado com os pensadores que o antecederam, como ficará exposto a seguir.

Desenvolvimento

Parte-se aqui da hipótese de que a concepção de *história ideal eterna* seja responsável por configurar a centralidade da *Ciência Nova* dentre as múltiplas temáticas abordadas pela obra – como é o caso da discussão sobre a origem de Homero ou aquela sobre a formação e desenvolvimento de práticas coletivas, como o direito e a religião. Por meio desta noção, Vico considerou um longo processo de desenvolvimento do fazer humano ao abordar conjuntamente a problemática da linguagem com aquela da organização da vida coletiva. Em vista destas duas, é possível refletir a dimensão política do pensamento viquiano.

Ao perceber a relação entre a linguagem e a organização da vida coletiva, Vico refletiu também sobre a história da mente humana, esforçando-se para uma construção de sentido que não fosse puramente especulativa. Na obra em questão, ele procurou demonstrar como as transformações da mente humana estão diretamente relacionadas com práticas sociais que se distinguiram ao correr dos séculos. Isto pode ser considerado um importante ponto de distinção, que releva a especificidade de Vico quando comparado a outros filósofos que refletiram sobre questões epistemológicas: em vez da matemática, ele privilegiou a realidade história como objeto de conhecimento mais importante – um aceno de sua polêmica contra o cartesianismo (HORKHEIMER, 1984, p.93).

Mas isto não significa uma completa oposição ao pensamento de Descartes, é notável perceber a contribuição dos autores que foram alvo de suas críticas. Ele se apropriou das filosofias distintas na construção de sua própria,⁴ e assim, não assumiu uma posição unilateral. Os problemas em relação ao estatuto da ética não foram substituídos por aqueles do estatuto das ciências ou vice-versa, pois Vico tratou dos dois simultaneamente – ainda que o segundo esteja submetido ao primeiro (GIRARD, 2008, p.46). Este é um dado relevante para a argumentação que será importante para a argumentação que será aqui empreendida. Adverte-se que o objetivo não é lançar

³ A Nápoles de Vico foi marcada por três correntes de pensamentos distintas. A dos naturalistas influenciados por Spinoza, a dos teólogos-metafísicos como Malebranche e por fim, a da querela entre os antigos e os modernos. Esta última, preocupada especialmente com a compreensão da natureza, consistia numa disputa entre a perspectiva materialista-naturalista com aquela teológica. Cf. BADALONI, 1971, p.xiv-xv.

⁴ Trata-se de uma tese muitas vezes defendida por Peter Burke (1937) em seu estudo sobre Vico.

alguma novidade sobre o tema, mas buscar um esclarecimento sem renunciar à complexidade que lhe é característica.

Em nota, Jorge Vaz de Carvalho (1955), tradutor da edição portuguesa da *Ciência Nova* (2005), afirmou que o termo *história ideal eterna* possui uma dupla significância. De um lado, ela remete as categorias da mente humana na sua sucessão ideal das três idades e por outro na ordem empírica que os povos sucedem – ainda nas três idades – na organização da vida social.⁵ Esta explicação parece ser de orientação croceana. Croce afirmou que *Ciência Nova* contém uma filosofia do espírito, uma filosofia da história e uma filosofia empírica de modo que o autor napolitano teria confundido o primeiro e o último em sua obra (CROCE, 1922, p.37). Como o próprio tradutor reconhece, Vico uniu os dois significados, ou “confundiu”. Segundo seu entender, o primeiro dos significados seria legítimo e o segundo ilegítimo.

Esta concepção de legitimidade requer avaliação. É possível que por legitimidade, o tradutor se refira à validade da sucessão das três idades, que de fato, possui várias exceções no que concerne a sua dimensão empírica – um limite da sua teoria que o próprio Vico parecia estar advertido. Se nos é permitido pensar uma alternativa à sugestão do tradutor, em vez de uma “confusão”, talvez seja possível considerar esta duplicidade de sentidos sem que isso incorra em uma contradição. Além do mais, a concepção de *história ideal eterna* não se limita ao plano teórico e se fundamenta nas manifestações do agir humano e das suas respectivas implicações. Note-se a primeira alusão à história ideal eterna no §7 da *Ciência Nova* de 1744:

[...] aqui se assinala que, nesta obra, com uma *nova arte crítica*, que até agora tem faltado, entrando na procura da verdade sobre os autores das nações mesmas (nas quais tiveram que decorrer bastante mais de mil anos para poderem surgir os escritores, acerca dos quais a crítica, até agora, se ocupou), a *filosofia* dedica-se aqui a examinar a *filologia* (ou seja, a doutrina de todas as coisas que dependem do arbítrio humano, como são todas as histórias das línguas, dos costumes e dos factos, tanto da paz como da guerra dos povos), a qual, pela sua deplorada obscuridade das causas e quase infinita variedade dos efeitos, teve quase um horror de sobre ela reflectir; e *tradu-la em forma de ciência*, ao revelar nela o desenho de urna *história ideal eterna, sobre a qual transcorrem no tempo as histórias de todas as nações*” (VICO, 2004, p.8-9. Grifos nossos)

Trata-se de um momento decisivo da *Ciência Nova*, é aqui que Vico apresenta a sua proposta de nova arte crítica que consiste na união entre a filologia e a filosofia. Chama atenção o objetivo do autor em relação a seu livro, o elemento narrativo não é externo ao texto, revela o seu temor diante da difícil tarefa que assumiu para si: traduzir em forma de ciência, todo o universo

⁵ Em defesa do estudioso é preciso notar que não é forçoso reconhecer esta imprecisão conceitual como uma “confusão” pois o próprio Vico comete erros na redação da sua obra.

das coisas humanas que, desde a crítica empreendida por Descartes, não foi considerado um objeto adequado na busca de encontrar um conhecimento.

A concepção viquiana de filologia abrange a história humana de maneira ampla, considerando dimensões distintas. Não se trata apenas da história das línguas, mas também da história da cultura, dos acontecimentos históricos e das leis. A proposta de uma nova arte crítica equivale a uma nova proposta metodológica na qual é possível ver a relevância que as fontes não-filosóficas possuem para pensar a própria filosofia. Deste modo, Vico confere a possibilidade da construção de sentido no mundo do humano no qual predomina a contingência contra as certezas dos processos sempre recorrentes do mundo natural. No §349 da *Ciência Nova* de 1744 obtém-se mais detalhes sobre a concepção viquiana de nova arte crítica e como ela compreende igualmente a sua concepção de *história ideal eterna*:

Pelo que esta Ciência vem *simultaneamente* a descrever urna história ideal eterna, sobre a qual transcorrem no tempo as histórias de todas as nações nos seus surgimentos, progressos, estados, decadências e fins. Aliás, iremos mesmo mais longe ao afirmar que, enquanto alguém medita esta Ciência, narra a si mesmo esta história ideal eterna, urna vez que - tendo este mundo de nações sido certamente *feito pelos homens* (que é o primeiro princípio indubitado que se colocou aqui acima) e, por isso, *devendo-se descobrir o modo dentro das modificações da nossa própria mente humana* - ele, naquela prova «teve, tem e terá» isso mesmo o faça; porque, *quando acontece que quem faz as coisas é o mesmo que as narra, não pode aí ser mais certa a história*. Assim, esta Ciência procede precisamente como a geometria, que constitui o seu próprio mundo das grandezas, enquanto sobre os seus elementos o constrói ou o contempla; mas com tanta mais realidade quanto mais a têm as ordens referentes aos assuntos dos homens, que não possuem pontos, linhas, superfícies e figuras (VICO, 2005, p.187. Grifos nossos)

Uma vez mais, este parágrafo evidencia que a defesa de Vico de que é possível conhecer o mundo histórico numa clara oposição ao pensamento cartesiano que no *Discurso do Método*, criticou abertamente a história em favor da matemática⁶ A razão própria não foi sempre tal qual a conhecemos, os poemas homéricos exemplificam como existiu uma outra forma de racionalidade que não coincide com a do discurso filosófico ou científico. São as modificações na linguagem que apresentam as distintas modificações da mente humana e neste momento. As palavras e seus significados estão diretamente relacionados com formas distintas de organizar a vida coletiva.⁷Cada

⁶ Averso às disputas, Descartes assumiu uma postura cética em relação aos vários argumentos defendidos pelos estudiosos, o que motivou uma desaprovação em relação aos estudos da história, retórica e a poesia. O autor estava convencido da impossibilidade de encontrar uma certeza clara e distinta nestas disciplinas, considerando as inadequadas para a descoberta da *verdade*. Cf. DESCARTES, 1983, p.37-38.

⁷ Por essa razão, julgamos impropriedade a tese de Hannah Arendt (1906 – 1975) de que Vico está incluído entre os pensadores modernos que compreenderam os conceitos de história e ciência em vista da categoria de processo oriunda as ciências naturais. Segundo Arendt, tal postura epistemológica gerou uma união indevida entre as categorias de natureza e história. Cf. ARENDT, 2016, p. 88.

forma de linguagem demonstra como cada período da história humana possui um universo de significados que lhes é característico. Tal como se pode notar em §432: “a primeira língua hieroglífica, ou seja, sagrada [...] a segunda, simbólica, ou por signos, ou seja, por divisas heroicas; a terceira, epistolar, para os afastados entre si comunicarem as presentes necessidades da sua vida” (VICO, 2005, p.264). Vico definiu que para cada uma destas formas de linguagem, existe uma forma de organização da vida política correspondente, tal como é possível notar no §31:

[...] a idade dos deuses, na qual os homens gentios acreditaram viver sob *governos divinos* [...] a idade dos heróis, na qual por todo o lado esses reinaram em *repúblicas aristocráticas*, devido a uma certa diferença de natureza por eles reputada superior àquela dos seus plebeus; - e, finalmente, a idade dos homens, na *qual todos se reconheceram serem iguais em natureza humana* (VICO, 2005, p.35. Grifos nossos)

A mudança de uma idade para a outra revela também um discernimento distinto em relação à organização da vida social. Por isso, Vico foi crítico em relação aos historiadores que acreditaram haver harmonia entre os nobres e os plebeus durante a aristocracia romana. Eram na verdade

[...] cruéis costumes dos nobres contra os plebeus, que claramente se lêem na história romana antiga: pois, dentro dessa liberdade popular até agora sonhada, muito tempo forçaram os plebeus [...] os mantinham fechados toda a vida nas suas prisões privadas, para lhes pagarem com trabalhos e fadigas (VICO, 2005, p.150)

Note-se o vocabulário empregado por Vico para tratar da política dos nobres em relação à plebe. A humanidade só conheceu a equidade após experimentar uma aristocracia severa, Riccio explica que para o filósofo italiano, o surgimento dela na história humana corresponde ao surgimento como o modo propriamente humano de pensar na idade dos homens, que se contrapõe a liberdade ilimitada que, para ele, é sinal de violência (RICCIO, 2002, p.21). Uma prova disto seria a semelhança que pode ser traçada entre o período medieval e os feudos originários, na antiguidade romana.

Para Vico, a presença dos feudos do período medieval que eram característicos da antiga aristocracia romana provam de que há uma recorrência entre as três idades. Ao lado disso, Vico nota uma certa inclinação na poesia ao retratarem temas heroicos e nos costumes com as violentas práticas dos duelos. Estes são elementos políticos, literários e jurídicos que apresentam a analogia entre a antiguidade romana e o período medieval apesar da considerável distância temporal. Há uma advertência muito clara da parte de Vico, embora a humanidade progressiva tenha saído de uma

república dos heróis para uma república dos homens, não há garantia de que as coisas voltem a ser como era antes. Como se pode verificar na passagem a seguir:

[...] mas, sobretudo, admirável é o *retorno* que nesta parte fizeram as coisas humanas, pois nesses tempos divinos recomeçaram os primeiros asilos do mundo antigo, no interior dos quais ouvimos de Tito Lívio que foram fundadas todas as primeiras cidades. Porque - sucedendo-se por toda a parte as violências, as rapinas, os assassinios, pela suprema ferocidade e arrogância daqueles *séculos barbaríssimos*; e (como se disse nas Dignidades) não existindo outro meio eficaz de reprimir os homens, desobrigados quer de todas as leis humanas, quer das divinas, ditadas pela religião - naturalmente, pelo *temor* de os homens serem oprimidos e mortos, por serem os mais pacíficos em tanta barbárie, estes iam junto dos bispos e dos abades daqueles séculos violentos, e colocavam-se a si, às suas famílias e aos seus patrimônios sob a protecção daqueles, e assim eram por eles recebidos; sujeições e protecções essas que são os princípios constitutivos dos feudos (VICO, 2005, p.796. Grifos nossos)

Neste trecho, a teoria da recorrência das três idades torna-se clara. Que homens se consideram superiores em relação aos outros, assim como a situação de desfavorecimento que obrigada alguns outros a submeterem aos outros, não são características exclusivas de passado remoto, podendo reaparecer mais uma vez no curso dos anos. Luchesi explica em Vico “temos um devir de fluxos e refluxos (*corsi e ricorsi*), onde o fim de um processo implica o nascimento do outro” (LUCHESE, 1999, p.20). Alcançar a igualdade não é garantia de sua perpetuação – esta pode ser considerada uma forte evidência contra a tese do Vico apolítico defendida por Croce (1866 – 1952) e Fausto Nicolini (1879 – 1965).

Contra a tese do Vico apolítico, Badaloni sugere que é justamente na reflexão sobre as mudanças sociais ao longo da história humana que reside o aspecto mais relevante do seu pensamento. O que torna Vico um sugestivo pensador para os críticos da sociedade capitalista que surgiria anos mais tarde (BADALONI, 1971, p. lviii). Não é forçoso afirmar, em coro com Vico, que a humanidade esteja livre do risco de deparar-se uma vez mais com aquela barbárie que esteve presente nas suas origens. Não há dúvida de que este elemento denota a atualidade de seu pensamento embora a sua concepção de história ideal eterna possa soar estranha à contemporaneidade. De nossa parte, defendemos que tal elemento configura uma válida justificativa para ler Vico no tempo presente.

A concepção de história ideal eterna também revela como Vico se posicionou diante da disputa entre antigos e modernos no que concerne o estatuto das ciências sem perder de vista uma orientação política que consiste em resguardar a civilidade e em vista disto que a sua dimensão retórica e estilística se justifica. Com base nisso Peter Burke enfatizou a importância de ler Vico na atualidade: “Numa época em que a separação entre abordagens literárias e científicas para o

entendimento da sociedade está tornando-se um abismo, temos muito a aprender com Vico” (BURKE, 1997, p.21). Ao se debruçar sobre o manual de retórica de Vico, Hobbs explica que ela sempre está relacionada com a lógica e filosofia: ela é uma lógica da argumentação preocupada com questões cívicas (HOBBS, 2002, p.79-81). A dimensão retórica do pensamento de Vico não pode ser considerada sem a sua filosofia.

Em resumo, o elemento retórico da teoria de Vico representa a potencialidade política da sua concepção de história ideal eterna. Vale ressaltar que ela não se limita ao elemento persuasivo, pois, há em Vico, o esforço para construir uma ciência. O que, em nossa perspectiva, constitui um forte indício contra interpretações que buscam vincular Vico a uma única tradição.⁸ Há um problema com as interpretações unilaterais da filosofia viquiana. É certo que elas reconhecem e delimitam os territórios da epistemologia de Vico, sobretudo em relação à sua ideia de história e o estatuto das ciências modernas. Por outro lado, elas falham em reconhecer o pressuposto de um ideal de civilidade que busca garantir a sociabilidade contra os riscos da barbárie. Desta maneira, este trabalho se encaminha para a sua conclusão.

Considerações finais

Com base no que foi exposto até o presente momento, chegamos a seguinte conclusão, Ao reconhecer os sentidos que Vico atribuiu ao conceito de história ideal eterna, buscou-se explicitar que a relação entre as formas de linguagem e práticas sociais estão relacionadas. Para cada uma das idades, há um modo específico de conceber o mundo, cada uma se define em vista das diversas práticas coletivas, como formas de racionalidade, leis, linguagem e por fim, formas de organizar a vida em comunidade. E estas práticas podem reaparecer no curso do tempo. Apesar de que a humanidade tenha percorrido um longo caminho para que os indivíduos pudessem se reconhecer iguais em relação aos outros, nota-se que esta igualdade não é uma vez garantida não se perpetuará para sempre. Com base nisso, também consideramos que Vico há uma crítica às formas heroicas (ou aristocráticas) de política – justamente por submeterem homens ao julgo de outros sobre a presunção de superioridade. Dessa maneira, nos é permitido indicar a dimensão política do pensamento de Vico uma vez que ele não poupa crítica às idades que compõem a história ideal eterna.

⁸ Fiker está entre os pesquisadores que defenderam a tese de que Vico foi um precursor do Romantismo. Ao defender esta tese, Fiker apresenta uma interpretação que define Vico como anti-iluminista e anti-cartesiano. Cf. FIKER, 1994, p.15

Referências

- ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 8ed. Trad. Br. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.
- BADALONI, Nicola. **Introduzione**. In VICO, Giambattista. *Opere Filosofiche*. Firenze: Sansoni, 1971.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BURKE, Peter. **VICO**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.
- CROCE, Benedetto. **La Filosofia di Giambattista Vico**. 2ed. Bari: Laterza, 1922.
- DESCARTES, René. **Discurso do Método**. In: Descartes – Os Pensadores. 3ed. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Junior. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- FIKER, Raul. *Vico – O precursor*. São Paulo: Moderna, 1994.
- GIRARD, Pierre. **Giambattista Vico – Rationalité et Politique**. Paris: PUPS, 2008.
- HOBBS, Catherine. **Rhetoric on the Margins of Modernity: Vico, Condillac, Monboddo**. Illinois: Illinois University, 2002.
- HORKHEIMER, Max. **Origens da filosofia burguesa da história**. Trad. Maria Margaria Morgado. Lisboa: Editorial Presença, 1984.
- LUCHESE, Marco. **Monumental Afresco da História**. In: VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*. Trad. br. Marco Luchesi. Record: Rio de Janeiro, 1999.
- RICCIO, Monica. **Governo dei molti e riflessione collettiva – Vico e il rapporto tra filosofia e democrazia**. Napoli: Alfredo Guida Editore, 2002.
- VICO, Giambattista. **Opere Filosofiche**. Firenze: Sansoni, 1971.
- VICO, Giambattista. **Ciência Nova (1744)**. Trad. Jorge Vaz de Carvalho. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2005.
- VICO, Giambattista. **Vida escrita por si mesmo**. Trad. Ana Cláudia Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.